

FULGOR E MORTE DE JOAQUIM MURIETA

Bandido chileno assassinado na Califórnia
em 23 de julho de 1853.

De: PABLO NERUDA

TRADUÇÃO : KATIA OLIVEIRA

Adaptação : KATIA OLIVEIRA E LUIZ EDUARDO CRESCENTE

Personagens :

JOÃO TRESDEDOS

ADALBERTO REIS (funcionário público)

DONA DO FANDANGO

"STRIPTSEASER"

MULHER CHILENA

UM CAVALHEIRO TRAPACEIRO

AUXILIAR DO CAVALHEIRO

UM BARRAQUEIRO DE FEIRA

UM MÚSICO VAGABUNDO

INDIO ROSENDO JUÁREZ

POETA

JOAQUIM MURIETA

TERESA MURIETA

MEXICANO

ARGENTINO

GALGOS

ENCAPUZADOS

RANGERS

TENTADORES

BANDO DE MURIETA

VIAJANTES

Todo o elenco como CORO, composto por:

CAMPONESES CHILENOS; CIGANA; MASCATE; PROSTITUTA; IRMÃ DE JOAQUIM; HOMENS E MULHERES DO POVO, ETC...

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PRÓLOGO

(Apagam-se todas as luzes do teatro.)

VOZ DO POETA -

Esta é a longa estória de um homem destemido:
natural, valoroso, sua memória é uma acha de guerra
É tempo de abrir o repouso, o sepulcro do claro bandido
e romper o esquecimento oxidado que agora o enterra.
Talvez não encontrasse seu destino o soldado e lamento
não ter conversado com ele, e com uma garrafa de vinho
haver esperado na História que passasse algum dia seu grande regimento.
Talvez aquele homem perdido no vento houvesse mudado o caminho
O sangue derramado pôs-lhe nas mãos um raio violento,
agora passaram cem anos e já não podemos mudar seu destino:
assim começamos sem ele e sem vinho nesta hora quieta
a estória de meu compatriota, o bandido honrável D. Joaquim Murieta

PRIMEIRO QUADRO - A PARTIDA

(Porto de Valparaíso. A partida. Acendem-se todos os refletores do palco)

CORO -

É a longa estória que nasce aqui nesta estreiteza de terra,
em que o Polo nos trouxe e o mar e a neve disputam,
aquí entre pereiras e telhas e chuva brilhavam as uvas chilenas
e como uma taça de prata que preenche a noite sombria de pálido vinho
a lua do Chile crescia entre boldos, jasmims, ervilhas, louros, orvalho,
então nascia à luz do planeta um menino moreno
e na sombra serena é o raio que nasce, se chama Murieta,
e ninguém suspeita à luz da lua que um raio nascente
adormecé no berço enquanto se esconde nos montes a lua:
é um menino chileno cor de azeitona e seus olhos ignoram o pranté.
Minha pátria lhe deu as medalhas do campo bravo, do pampa ardente:
parece ter sido forjado pelo frio e pelas brasas para uma batalha
seu corpo de arado e é um desafio sua voz. Suas mãos são duas ameaças.
A chama do ouro percorre a terra do Chile do mar aos montes
e começa o desfile do horizonte ao Porto, o magnético feitiço
despoeva Quillota, despoeva Coquimbo, as navés esperam em Valparaíso.

(Aparecem no alto da cena os Tentadores do Ouro.)

VOZ DOS TENTADORES -

1- Gold! Gold! Venham ao ouro chileninhos!

2- Gold! Gold!

1- Não mais penúrias.

2- Todos a São Francisco!

1- Ao barco!



- 2- Rumo ao mar!
 1- Seus subdesenvolvidinhos! Gold!
 2- Gold!
 1- Gold!
 2- Famintos!
 1- Sedentos!
 2- Vinde a mim, sou o ouro!
 1- Vinde à Califórnia!
 2- Com ouro se compram touros!
 1- Com ouro se compram mouros!

CORO FEMININO -

- 1- Subiu a carne!
 2- Já não temos leite!
 3- Queremos comer!
 4- Queremos roupa!

VOZ DOS TENTADORES -

- 1-Vinde a mim, sou o ouro! Há para todos!
 2- Aqui fala a voice of Califórnia! Aqui está o ouro!

CORO -

(Atirando chapéus, roupas, cestos ao solo.)

- 1- Vamos ao ouro!
 2- Vamos ao ouro!
 3- Chega de fome!

(As mulheres do Coro atiram ao chão suas flores e as pisoteiam.)

- 4- Ao ouro! Ao ouro!
 5- Ao ouro! À Califórnia!
 6- Ao ouro!
 7- Ao ouro!

CORO (canção) -

Acabou-se o decoro!
 Vamos ao ouro!
 Com ouro se compram mouros!
 Acabou-se o decôro!
 Vamos ao ouro!
 Com ouro se compram touros!

UM - Marieta!

OUTRO - Joaquim! Joaquim Marieta!

(Silêncio. Todos se tornam estáticos. Montanhas chilenas com vinhedos e neve no alto. Silhueta de um homem. Todos os refletores baixam sua luz sem.)



CORO FEMININO -

Crescendo à sombra de salgueiros flexíveis, nadava nos rios, domava os potros, lançava os laços, quando do profundo e rubro outono baixava a galope em sua água de estanho, trazia nas mãos o limite do golpe do rio que fustiga e divide a neve e o transpassava aquele livre desejo a virtude selvagem que toca a fronte dos indomáveis e sela com ira e purifica o orgulho de algumas cabeças que guarda o destino em suas atas de fogo e pureza, e assim o eleito não sabe que está prometido e que deve matar e morrer na empresa.

MENINA - Joaquim Murieta. Vá!

DIÁLOGO -

FUNCIONARIO - Ouça! Ouça! Não se pode entrar!

TRESDADOS - Então, vou-me embora!

F. - Não senhor, por aqui não se sai.

T. - Então não se pode entrar?

F. - Não.

T. - Nem sair?

F. - Não.

T. - Então que faço?

F. - O melhor é que não saia nem entre.

T. - Que faço então?

F. - Vou ver as instruções. De onde é o senhor? Aonde vai? Como se chama? Que quer?

T. - Isto sim é que é falar. Me chamo João Tresdedos. Vou à Califórnia. Com D. Joaquim Murieta vou embarcar.

F. - Está com tudo pronto?

T. - Claro que sim. Tenho pá e picareta. E que mais? Tenho calças.

F. - Tem atestado de sobrevivência?

T. - O que é isso?

F. - Tem certidão de casamento ou recibo de concubinato?

T. - Acho que não.

F. - Tem certidão de opulência?

T. - É isso o que é?

F. - É um papelzinho cor-de-rosa.

T. - (Procura e mostra um papelzinho rosa) É isso?

F. - Não. Isto é uma cautela de empenho.

T. - Não serve?

F. - Deixe-me ver esta cautela. Um violino! Que idéia! Não serve. Tem estampilha de imposto? Certificado de erupção? Tem carruagem?

T. - Não, deixei o cavalo em Quilicura.

F. - Tem cachorro?

T. - Tinha.



F. - Tem gato?

T. - Não tenho.

F. - Em resumo, o senhor não tem nada. Deixe-me a cautela de empenho e volte no ano que vem. Tem certidão de nascimento?

T. - Não sou de Nascimento.

F. - Então o daremos por não nascido. Isto vai lhe trazer complicações.

T. - Então lhe trago atestado de complicações?

F. - Não se faça de engraçadinho. Para onde disse que ia?

T. - Vou com Murieta em busca do ouro. Embarcamos no brique.

F. - Por que não disse antes? Por que me fez perder tempo?

T. - Nem tinha pensado nisto. Vamos juntos, se quiser.

F. - Então vamos andando! Estou até o pescoço com estes papéis! Carimbando todo santo dia. Com a miséria que nos pagem. Onde me disse que tem ouro? Onde é isto?

T. - Na Califórnia, já disse. Para lá está indo todo o mundo.

F. - O bote pronto e partimos! Ajude-me a fazer os embrulhos e, vamos!

T. - Ouça, pro que não nos vamos sem nenhum embrulho? Para que tanta besteira? O melhor é romper com tudo!

F. - Mas veja bem o que está fazendo! Trata-se da documentação, da inscrição, da circunscrição, da numeração ...

T. - E da transpiração... Ao diabo com os papéis! Vamos voltar nadando em ouro.

F. - Sabe que esta me convencendo?

T. - Vejamos como voam os certificados! (Atiram papéis para o ar. Riem.)

F. - E eu que ia lhe dar um atestado de imbecil!

VOZ DO POETA -

Assim são as coisas, amigo, e é bom que se aprenda e que se saiba e conheça os versos que escrevi e repita contando e cantando a memória de um livre chileno proscrito

que andando e morrendo foi um mito infinito:

sua infância a cantei num instante e sabemos que o caminhante foi muito distante,

um dia mataram o chileno errante, o contam os velhos à noite junto à lareira

e é como se falasse o pantanal, a chuva sibilante ou no monte chorasse o vento na neve distante

porque do Aconcágua partiu um veleiro buscando na água um caminho rumo à Califórnia a morte e o ouro chamavam com vozes ardentes que afinal decidiram seu negro destino

(Todos entram no barco.)

CANÇÃO MARINHEIRA -

Adeus, adeus, adeus, ,



Vamos a um mundo melhor
Adeus, adeus, adeus,
que se vá por mar o navio
Adeus, adeus, adeus,
fugindo da fome e do frio
adeus, adeus, adeus,
que nos vamos neste navio
adeus, adeus, adeus,
buscando outro mundo melhor
adeus, adeus, adeus,
adeus, adeus, adeus,.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



SEGUNDO QUADRO - A TRAVESSIA E A BODA

(Acendem-se as luzes do palco. Ponte do navio. Só se vê nitidamente a imensa vela. Os tripulantes estáticos e em atitude de animar uma Cueca. Uma projeção de sombras chinesas sobre a vela baila silenciosamente uma Cueca que em mímica apresenta o encontro e o amor de Teresa e Joaquim.)

CORO -

No caminho marinho do branco veleiro mauilino
 sobreveio o carinho e Murieta descobre uns olhos escuros.
 se sente inseguro, perdido na nova certeza:
 sua noiva se chama Teresa e ele não havia ainda conhecido camponesa
 como esta Teresa que beija sua boca e seu sangue, e no grande oceano,
 perdida a barca na bruma, o amor se consuma e Murieta pressente que é e
 este o amor infinito.
 e talvez até saiba que esta escrito seu fim e a morte o espera
 e pede à Teresa, sua noiva e mulher, que se case com ele na nave veleira
 e na primavera marinha Joaquim, domador de cavalos, tomou por esposa Te-
 resa, mulher camponesa,
 e os emigrantes em busca do ouro infame e distante celebram este casamen-
 to
 ouvindo as ondas que elevam seu eterno lamento,
 e tal é a estranha cegueira do homem no rito da passageira alegria:
 e na nave o amor acendeu uma fogueira: não sabem que já começou a agonia.

CANÇÃO MASCULINA -

À Califórnia, senhores,
 me vou, me vou,
 se melhorar minha sorte,
 já sabes onde estou:
 e se topar com a morte.
 chileno sou.
 Chileno dos mais valentes,
 tenho o coração de cobre,
 e levo o punhal nos dentes
 só para defender o pobre.
 E digo a quem se atreva
 que onde as dão as tomam,
 não vou descascar a pera
 para que outros a comam.
 O ouro da Califórnia
 o guardo nas minhas calças
 já vai desenterrar
 a ponta da minha faca
 E quem quiser voltar
 aí tem todo o mar,



e quem não quiser lutar
 prá soldado não nasceu
 que se atire para o mar
 entre os peixes a nadar.
 À Califórnia, senhores, etc...

(Um relâmpago violento detém subitamente a diversão dos homens. As mulheres avançam lentamente pelas laterais do palco, ficando de costas para a plateia.)

CORO FEMININO -

Ah, como se sentesó a minha alma quando a distância se apaga,
 minha pátria se afasta, não vejo as praias do Chile.
 Ao ouro nos dizem que vamos os homens amados
 e os seguiremos por terra e por água, por fogo e por frio;
 Ai! negros presságios nos dizem que não regressaremos
 que não mais vereemos as encostas no Angol ondular com o trigo,
 o ouro do campo, a lua chilena que não mais veremos
 e talvez o ouro que vamos buscando será o inimigo
 pque por rodar terras
 por falta de sorte
 nos faça a guerra
 nós leve à morte.

(Retiram-se as mulheres e os homens retornam ao seu agitadíssimo movimento cantando mais uma vez a estrofe "À California, senhores". Aplausos e risadas)

VOZ DO POETA -

Silêncio, muchachos, a lua, a estrela, a noite, a rota de nosso batel
 impõe silêncio de mel à lua de mel.

(Os atores saem nas pontas dos pés. Baixam os refletores do palco. Céu intenso. Noite estrelada. Um raio de luz ilumina Trededós e Reis que estão apoiados à mureta do navio, conversando enquanto olham o horizonte. Só se us rostos estão iluminados.)

REIS - Mais uma música!

TREDEDOS - Vamos dormir reis!

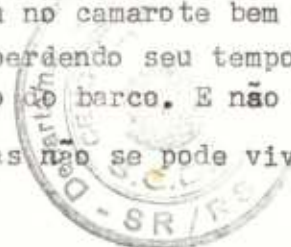
R. - Eu quero musica!

T. - Tá todo mundo dormindo, Reis. Fica quieto!

R. - Venham! (Pausa) Eu andava muito mais aborrecido na Alfandega Mas agora estou mareado. É mar demais paramim. E este casamento de Murietta e Teresinha. Como o explica sr. Trededós? Não lhe parece demasiado rápido?

T. - O que ocorre, amigo Reis, é que o sr. é dos vagarosos e Murietta dos vertiginosos. Agradou-lhe a muchacha e aí os tem no camarote bem i casadinhos como dois pombinhos. E não estão, como nós, perdendo seu tempo.

R. - Tanto mar por todos os lados, até por baixo do barco. E não se vê terra por nenhum lado. A verdade é que sem alfandgas não se pode viver



Agora mesmo volto a Valparaíso.

T. - Sempre o achei com cara de burocrata, sr. Reis. Mas isto são palavras. Se se atirar n'água não chegara muito longe. O peixe morre pela boca. O que conta é o homem na terra e não debaixo d'água. Passaria mal aí em baixo sr. Reis. E não há ouro no mar.

R. - O sr. de onde é, Tresdedos?

T. - Do norte, copiapino, para que o saiba. Mineiro. Na minha terra entre dois cerros perdi dois dedos, que nem me fazem falta. Com o que me sobrou se pode apertar o gatilho.

R. - Que gatilho? Por que quer me assustar, amigo?

T. - Como o quero assustar, se já estava assustado?

R. - Acredita que haverá disputa?

T. - Onde há ouro, há luta, meu senhor. Assim é esta salada. E assim vamos comê-la. Não importa o gosto que tenha.

R. - Conte-me algo de Murieta. Conhece-o bem?

T. -- Desde menino. O vi crescer. Mas não há como errar. É um chefe. Ereto como um mastro. Mas cuidado com ele. Não tolera o abuso. Nasceu intolerante. Crescemos juntos. Sou como, se fosse seu irmão e ele é minha bússola. Si go-o para onde for. Compartilhamos o destino do pobre, o pão do pobre, as porradas dos pobres. Mas não me queixo. Sabemos suportar lá na mina. E o mineral quando aparece é como descobrir uma estrela.

R. - Não exagere meu senhor, não há estrela cá embaixo.

T. - Olhe para cima. Estão brilhando como se estivessem se despedindo. São estrelas do Chile. São as melhores. Se parecem com jasmims! Lá para o Norte, nos pampas, nos cerros, a noite é mais escura, as estrelas maiores. Às vezes, à noite, me dava medo. Parecia-me que se levantasse a cabeça do tra vesseirão, podia lhes dar uma cabeçada, e as estrelas todas cairiam por cima de nossa pobreza. Quantas serão?

R. - Pelo menos aqui embaixo não vejo nenhuma.

T. - Mas é claro que existem, meu amigo, temos que conquistá-las. O que não souber, aprenda, compadre. Talvez até haja algumas para nós, aí em cima. Olhe esta que está piscando, deve ser a sua. Aquela ali colorida é a minha.

R. - E a de Murieta?

T. - Ele a tem bem quentinha em sua cama, no camarote.

(A cena vai escurecendo. Escotilha iluminada de onde saem as vozes de Murieta e Teresa. Ruído do mar.)

DIALOGO AMOROSO -

MURIETA - Tens me dado tudo, o teu domínio e a ti meu livre coração submeto.

Sou um homem sem pão nem poderio:
só tenho uma faca e meu esqueleto.
Cresci sem rumo, fui meu próprio dono
e sei que sempre tenho sido teu
desdê que comecei com este sonho.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



TERESA - Sou camponesa de Coihueco acima,
 cheguei à nave para conhecer-te,
 te entregarei minha vida enquanto viva
 e quando morta te darei a minha morte.
 É verdade que o amor queima e separa?
 É verdade que se apaga com um beijo?

MURIETA - Perguntar ao amor é coisa rara,
 eu conheci os trigos de Roncagua,,
 vivi como figueira em Melipilla.
 Quanto conheço o aprendi da água,
 do vento, das coisas sem malícia.
 Tens sido, meu amor, minha única impaciência
 antes de ti não quis nunca ter nada.
 Agora quero o ouro para o muro
 que deve defender tua beleza.
 Por ti será dourado e será duro
 meu coração como uma fortaleza.

TERESA - Quero o baluarte de tua altura
 e só quero o ouro de teu arado,
 só a proteção de tua ternura:
 meu amor é um castelo delicado
 e minha alma tem em ti suas armaduras.

MURIETA - Beijo minha terra quando a ti te beijo.

TERESA - Voltaremos à nossa pátria dura alguma vez?... (Repetir a frase)

MURIETA - O ouro é o regresso.

(Silêncio. Na obscuridade do barco segue acesa a luz da vigia. Surge uma
 canção em coro. Coro invisível.)

À California, senhores,
 me vou, me vou,
 se melhorar minha sorte,
 já sabes onde estou:
 e se topar com a morte...

(Silêncio. Apaga-se a luz da escotilha.)



TERCEIRO QUADRO - FANDANGO

(Luz sobre o cantor em primeiro plano. Projeção de São Francisco em 1850. Sucedem-se com uma vista alusiva. A última é o interior de uma taberna.)

MUSICO VAGABUNDO - (Canção)

Antes que alguém
ao ouro o Chile chegou:
São Francisco parecia
outra coisa naquele dia.
Não havia
ninguém até que Deus chegou,
até que o ouro brilhou
e a policia chegou,
porque o diabo havia chegado
e o porto desamparado
se incendiou
com o fogo do tesouro
Porém o primeiro que entrou
e o primeiro que dançou
neste novo paraíso
chegou de Valparaíso
E o que chegou depois
era um negro de Quilpué
E o que se casou ao chegar
vinha de Vallenar
E aquele que veio a morrer
era natural, o pobre,
do Norte, de Copiapó;
caiu em agua salobre
a água de São Francisco
e morreu de obstinado
só queria beber pisco.

SOLEDAD - Mas falar de finados não é bom,
há que deixá-lo sentado
num canto qualquer.
Senhores, o primeiro que chegou aqui
foi um chileno.

(Clientes. Entre eles, sentados, Trededados, Reis e Marieta. Movimento. Do
na do bar e moça na cena.)

MURIETA - Começamos ao amanhecer. Dá-lhe que dá-lhe todo o dia.
Algo tiramos. Mas nestes riachos há mais barro que ouro.

SOLEDAD - Mais suor que ouro.

MURIETA - Já tirei duas onças de ouro.

SOLEDAD - Tire cinco e não se queixe (pausa)... Vá suando companhe,
o ouro pede suor.

MURIETA - E o suor



MURIETA - E o senhor, compadre?

REIS - Não me diga nada, compadre.

TRESDADOS - Se sente esfregado. Por que?

REIS - Me sinto esfregado.

MURIETA - Como, assim?

ARGENTINO - Estes chilenos. Levam tudo na flauta. Sou professor de dança (dança alguns passos) "Vamos gringa, não fuja, tens que mexer os pés."

MEXICANO - É pouco o ouro e muito o baile.

MURIETA - E como vão os mexicanos?

MEXICANO - Para dizer a verdade, já lhe digo. Ando irritado. Uma pepitaa de vez em quando.

REIS - Suando até cair
podemos descobrir
uma pepita de ouro
como um grão de anis.

SOLEDAD - Bom, mas isto mais parece um funeral! Celebremos o ouro, ainda que seja pouco.

ARGENTINO - Moça

RANGER - (Do fundo do palco) You must say girl

MURIETA - Girlmoça. Uma chicha.

TRESDADOS - Chicha para todos girlmoça.

RANGER - You are new in California. Here's no chicha. In California you must have whisky.

MEXICANO - Mas queremos é chicha.

RANGER - No chicha here. Whisky. Whisky. Whisky.

ARGENTINO - Girlmoça. Um whisky.

REIS - Tem que pedi-lo com water.

TRESDADOS - Um whisky com water-closet. (O Ranger se retira. O ambiente declina.)

REIS - (Depois do silencio, para Tresdedos) Compadre, parece que é preciso ter muito cuidado.

TRESDADOS - Sim compadre! Saimos do Chile para gozar a fresca, mas o senhor tem razão. É preciso ter muito cuidado!

MURIETA - Soledade canta uma?

(Soledad canta seu numero como uma evocação, como algo que se passasse na lembrança dos chilenos. A lua destaca a cantora e baixa sobre os demais.)

CANTORA MORENA -

(Musica de "Barcarola")

Me pedem senhore, que cante e lhes conte a estória de meu namorado

e querem saber se meu amor foi talvez marinheiro ou soldado.

Vou-lhes contar que nasci às margens de um rio celeste

e o céu era um rio com pedras azuis e estrelas silvestres

O nome do rio, é Bio-bio e está tão distante, que não sei se ainda existe

em minh'alma ressoam suas águas: por isto estou triste

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



Às vezes à noite escutando as pedras azuis que a água golpeia desperto é só vejo as paredes que agora me encerram.

E sinto uma dor que me aperta a boca e que minh'alma desgarrá até que arranco do muro a voz de minha triste guitarra.

E agora perguntem se foi marinheiro ou soldado, se velho ou se jovem meu amor, lhes respondo: meu amor é um rio que corre lá longe.

(Desaparece a Cantora Morena. Volta a luz. Aplausos tristes. Entra um Cavaleiro negro que fala agitado pelo cansaço que traz.)

CAVALEIRO - Sabem da noticia?

TRESDADOS - Que noticia?

CAVALEIRO - Mataram dezessete!

REIS - E o que me importa?

CAVALEIRO - Eram chilenos!

MURIETA - CHUPALLA!

CAVALEIRO - E tres mexicanos.

MEXICANOS - Caracho!

MURIETA - E onde foi, compadre?

CAVALEIRO - Em Sacramento. Arrancaram da cama um a um, e os fizeram fazer suas proprias covas. E os fuzilaram. Temos que espalhar a noticia! Adeus!

MEXICANO - Sabem porque os mataram? Porque não somos louros, irmãos. Acreditam ser sobrinhos de Deus com essa cor de Huachimango!

TRESDADOS - Outro dia mataram outros dez. Os acusaram da morte de um tal de Cogley, que era um conhecido assassino de chilenos.

ARGENTINO - E assim estão mortos, até mal enterrados. De alguns, até parece que se vêem os pés.

MEXICANO - Ovalle, lembra-se de Ovalle? Foi o unico que se salvou.

REIS + Ah, puchas, Tresdedos. A coisa não está me agradando em nada.

Não se dá conta que nos consideram negros? O melhor é voltar para a Alfandega.

TRESDADOS - Já não dá mais tempo, Reis. Agora só nos resta é ter cuidado! (Saem os dois.) (Aparece o Cavalheiro Trapaceiro em roupa que lembra Tio Sam e anuncia com repique de tambor circense.)

C. TRAPACEIRO - Distinto publico subdesenvolvido! Este honrado lupanar, o tão pouco apreciado "Fandango" tem a honra de lhes apresentar a Alma da California: A Pulga de Ouro.

(Ao retirar-se o Cavalheiro, abrem-se as cortininhas e aparece a Pulga de Ouro, dentro de uma grande moldura de ouro, envolta em uma capa de veludo negro. Só se vê seu rosto, o cabelo e as maos de ouro cafona.)

(Durante este numero a Cantora Loura vai tirando sua capa e demais roupas numa espécie de strip-tease, até ficar aparentemente nua em sua mlha doura da.)

CANTORA LOURA -

Lovely boy,
don't talk to me!
I want to see



your daddy first!
 Please call your uncle Benjamin
 and your grand father Seraphin
 Lovely boy,
 don't talk to me!
 I am so far
 you won't believe!
 I am so cold
 as star fish!
 Don't talk to me
 I think because
 your daddy is born for me!
 or your uncle, Benjamin
 or your grand father Seraphin!

(Ao terminar este numero ouve-se aplausos e assobios ensurdecadores. Aparece o C. Trapaceiro. Trata de fazer-se ouvir. Repique de tambor.)

C. TRAPACEIRO - E agora distinto público...(A algazarra continua.)

(Corre a cortina. Aparece o Corifeu do Cavalheiro e se coloca junto dos clientes.)

CORIFEU - E agora, o grande numero da California!

C. TRAPACEIRO - Venho chegando de San Blas
 sou jogador eficaz.

CORIFEU - É o jogador eficaz.

C. TRAPACEIRO - Cheguei de Santa Inez
 Sou um espelho de honradez

CORIFEU - É um espelho de honradez

C. TRAPACEIRO - Recém passei por São Ricardo
 Só vou onde não sou chamado

CORIFEU - Ele só vai onde não é chamado

C. TRAPACEIRO - E quando estive em Sao Melquior
 me recebeu o Governador

CORIFEU - O recebeu o Governador

C. TRAPACEIRO - Mas ao sair de Santa Lucia
 se enganou a policia

CORIFEU - Se enganou a policia

C. TRAPACEIRO - Me mandaram a São Romão
 tomando-me por ladrão

CORIFEU - O tomaram por ladrão

C. TRAPACEIRO - Eu lhes pergunto, cavalheiros (tira o chapéu)
 se tem joias ou dinheiro

CORIFEU - Ou se tem joias ou se tem dinheiro

C. TRAPACEIRO - Se encontrarão outra ocasião
 de comprovar minha condição

CORIFEU - De comprovar sua condição.



- C. TRAPACEIRO - Agora verao
este sombrero
de cavalheiro
Que és mio
está vazio.
- CORIFEU - Está vazio.
- C. TRAPACEIRO - Aqui não há nada (mostrando o chapéu)
nem uma mirada
nem uma moeda
nem macacada
nem uma moela:
tudo está bem
nada esta mal
e agora vejam
este animal (tira um coelho branco.)

CORIFEU - Um animal!

- C. TRAPACEIRO - Prepararemos
logo em seguida
uma tortilha
original,
uma omelete
mineral

Quero relógios delicados
quero comê-los fritos.

CORIFEU - Quer comê-los fritos.

- C. TRAPACEIRO - Primeiro azeite no sombrero.
Não tenham medo. Agora à luz
este ovinho de avestruz-

CORIFEU - É um ovinho de avestruz.

- C. TRAPACEIRO - Com alguns relógios
continuarei meu trabalhinho.
Caíam relógios a granel
no sombrero de Luzbel!

CORIFEU - luzbel, Maribel de Las Cruzes... eu!

(Os assistentes tiram imensos relógios com correntes douradas resistindo em entregá-los. O Corifeu os golpeia com o basto na cabeça, de modo que ao serem derrubados, os relógios vão caindo um a um no chapéu do C. Trapaceiro.)

- C. TRAPACEIRO - (Cínico para o publico.) Estão vendo?
Entreguem seus relógios de todo o coração

CORIFEU - Sim, de todo o coração

- C. TRAPACEIRO - Olhem agora com atenção louca,
abram os olhos e fechem a boca;
no meu sombrero,
Não se amedrontem
que dos relógios

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.9242 - CEP 90020-025



- se façam tortilhas

(O C. Trapaceiro e seu Corifeu fogem pelo palco. Os clientes ficam irados em grande algazarra, gritando:)

MEXICANO - Meu relógio!

MOÇA DO BAR - Maldito!

ARGENTINO - Peguem!

SOLEDAD - Agarrem!

MOÇA DO BAR - Onde estão?

MURIELA - Por aqui!

SOLEDAD - Fugiram!!!

(Todos se precipitam ao palco, mas no momento de subir, sai do cortinado um grupo de encapuzados que, de armas em punho, os detém. Em seguida, começam a golpear os clientes e a destruir o local.)

ENCAPUZADO - Shut up! Damn you!

Goto hell!

MURIELA - Meu relógio!

MEXICANO - Meu relógio!

ENCAPUZADO - There is no relógio!

Here you have it. (Golpeia na cabeça um mexicano com um porde rete.)

(Uma mulher quebra uma guitarra na cabeça de um dos encapuzados. Estes reduzem a escombros o local. Ficam quebradas as mesas e as cadeiras. Durante todo o tempo se ouvirá um barulho de vidros se estilhaçando. Alguns corpos inertes pelo chão. Os encapuzados bebem na taberna.)

ENCAPUZADO 1 - Every thing, all right!

ENCAPUZADO 2 - I think so.

ENCAPUZADO 1 - Let me see the relógios (descobre o capuz e aparece a cabeça do C. Trapaceiro distribuindo os relógios...) One... Two... Three... Four... five... six... seven...

(Se vão lentamente... Levanta-se uma cabeça e logo outra:)

MURIELA - Vamos romper-lhes os ossos e a alma!!!

ARGENTINO - Velhacos!

MEXICANO - Meu relógio.

ARGENTINO - Cachorros.

MURIELA - Filhos da puta! (Pausa) (O ambiente fica tenso)

MURIELA - Que hora será em Valparaíso?



QUARTO QUADRO - OS GALGOS E AMORTE DE TERESA

(Desmontando o fandango e montando a próxima cena)

VOZ DO POETA -

Farejando a terra estrangeira desde a penumbra da aurora
 até que rolou na planície a noite na fogueira
 Murieta busca a veia escondida das minas galopa e regressa
 e toca em segredo a pedra partida, a rompe e a beija
 e é sua a decisão celestial encontrar o metal e tornar-se imortal
 e buscando o tesouro sofre a angústia mortal e se reclina coberto de lodo
 nem sede nem serpente que espreite detem seus passos
 e quando sete vezes caiu, ressuscitou sete vidas
 e seguiu noite e dia o chileno montado em seu claro corcel
 Detem-te! Dizia-lhe a sombra mas o homem tinha sua mulher
 esperando e seguia para a California dourada
 lavrando a rocha e o barro com a labareda
 de sua alma enlutada que busca no ouro encontrar a alegria
 que Joaquim Murieta queria para reparti-la retornando à sua terra,
 mas o aguardou a agonia e o encontrou de repente coberto de ouro e de
 guerra.

(Uma luz no centro do palco ilumina um grupo de "ncapuzados. Estao reali-
 zando uma espécie de rito como um cerimonial lúgubre e grotesco.)

UM - Quem é o pai?

OUTRO - O ouro

UM - Quem é o filho?

OUTRO - O ouro.

UM - E quem somos nós?

OUTRO -, Os donos do ouro.

TODOS - Amém

UM - Deus está com os indios?

OUTRO - Deus lhes tirou as terras

UM - E o que fez com elas ?

OUTRO - Nos foram doadas

UM - Nosso profeta Sullivan já o disse:

"É nosso absoluto destino nos expandir até que sejamos os donos
 de todo o continente que a Providencia nos entregou para a grande expe-
 riencia da liberdade".

(Enguanto o diz em portugues se projeta em panoramica do fac-simile do
 Manifesto em ingles.)

UM - Quem sao os mexicanos?

OUTRO - Indios e mestiços!

UM - Quem sao os chilenos?

OUTRO - Indios e mestiços! ~~MM~~



UM - Qual é o nosso dever?

OUTRO - mandá-los ao Diabo!

UM - To hell! To hell!

OUTRO - Queimá-los!

OUTRO - Enforcá-los! (arde uma cruz())

(Se prosternam e se colocam de forma ritual. Os capuzes em forma de cha-
cais e galgos.)

UM - Somente a Raça Branca! Amém!

Somos a Grande Hierarquia! Os Louros Galgos da Califórnia! Amém.

Somente a Raça Branca. Amém!

CORO -

Os duros chilenos dormiam cuidando o tesouro cansados do ouro e da luta
dormiam e em sonhos voltavam a ser lavradores, marinheiros, mineiros,
dormiam os descobridores e envoltos em sombra os encapuzados vieram,
chegaram à noite os lobos armados buscando o dinheiro
e nos escampamentos morreu a picareta porque em desamparo
se ouvia um dispero e caía um chileno morrendo no sonho
ladravam os cães, a morte convertia o desterro.

(O coro sai. Ouvem-se disparos e latidos de cães à distancia. Várias mu-
lheres cruzam o pelco em atitude de fuga. Por fim entre um grupo de ho-
mens como se estivessem sendo perseguidos, mas se reúnem numa conjuração
e içam uma pequena bandeira chilena e outra mexicana. Enquanto se desen-
volve esta ação se escuta uma voz que canta o seguinte:)

CANÇÃO FEMININA -

Já vem o galgo terrível
matar meninos morenos
aí vem a cavalgada,
a matilha se desata
exterminando os chilenos
E com o rifle nas mãos
o mexicano disparam
e ao panamenho matam
em meio ao melhor dos sonos
Ah, que faremos
Buscam o sangue e o ouro
Os lobos de São Francisco
e espancam as mulheres
incendeiam os alpendres
Ah, Deus, porque saímos
de nosso Valparaíso
Maldito seja essa hora
e o ouro que se desfez.

E vêem matar chilenos/ Ah que faremos?/Ah, que faremos?



(Entra a matilha dos Galgos.)

GALGO 1 - Que fazem aqui estes trapos?

CHILENO - Não são trapos. Sou chileno. Esta é a minha bandeira.

MEXICANO - Esta é a minha (bandeira). México. Sou mexicano. É a minha bandeira.

GALGO 2 - Atirem fora! São bandeiras de nativos!

CHILENO - E quem as proibiu?

GALGO 1 - Nós, os Brancos. Os Galgos. Ouviram. Atirem fora as bandeiras. (Fazem um gesto de arrié-la).

CHILENO - (Empunhando punhais) Então é assim?

(Algazarra geral. Um disparo faz arder uma bandeira convertendo-a numa tocha. Os Galgos se retiram.)

CORO -

E os assassinos em sua cavalgada mataram a bela a esposa do meu compatriota Joaquim, que beijando o seu corpo caído, jurou estremecido matar e morrer perseguindo o injusto e é assim que nasce um bandido que o amor e a honra conduziram um dia a encontrar a dor a perder a alegria e perder muito mais ainda a lutar a morrer combatendo e vingando uma ferida e deixar sobre o pó do ouro perdido sua vida e seu sangue vertido.

CENA -

(Fachada do rancho de Murieta. Teresa sai cantando "A Califórnia", enquanto estende roupa. Aparecem 3 encapuzados.)

TERESA + Quem é?... O que querem?

Teresa - Joaquim não está. Foi ao garimpo. Não está em casa.

(Os homens não respondem. Movem-se sigilosamente. Atacam Teresa.)

TERESA - Socorro. Assassinos. (Sua voz dá-se cala. Um dos atacantes, o de chapéu texano, chega à porta e dá um assobio. Acodem seis ou sete encapuzados e texanos.)

TEXANO - Come on.

(Entram todos. Em seguida ouve-se um longo grito de Teresa. Passam-se alguns minutos. Silêncio. Saem correndo os atacantes. O 1º a sair descoberto é o Cav. Trpanceiro que rapidamente se cobre com o capuz. Galope de cavalos que se afastam. Acodem homens e mulheres. Entram. De repente alguém grita.)

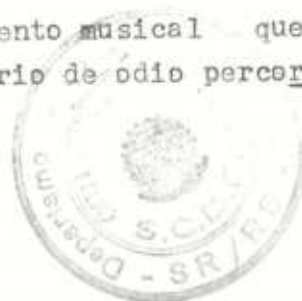
UMA VOZ - É Teresa?

OUTRA VOZ - Está morta! !

OUTRA VOZ - A violaram também!!!

(As mulheres se ajoelham defronte à casa. Ouve-se um lamento musical que dura até o final da cena. Os homens se agrupam. Um murmurio de ódio percorre todo o grupo.)

V VOZES - Selvagens!



VOZ DE MULHER - Até quando?

VOZES - Temos que avisar Joaquim
Temos que chamar Murieta!

VEND. PASSAROS - Companheiros. Voem à sua procura. Não voltem sem ele.
(“parece Joaquim Murieta, longo silencio. Ouve-se um grito tragico na voz de Murieta.)

CORO -

Vingança é o ferro, a fúria, a lança,
o rancor do desterro,
e o homem distante eneguece clamando na sombra vingança,
o que busca Joaquim a espreita do mal que brilha em sua mão cortante?
Vingança é o nome instantaneo de de seu calafrio.
que crava a carne ou golpeia no craneo ou assusta com boca alarmente e mata.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



QUINTO QUADRO - O ESPELENDOR DE JOAQUIM

(Forma-se uma cidade com pessoas do coro.)

CORO -

Vem o poncho enfiado e o coração destroçado.

E como se chama este homem ?

Joaquim Murieta é seu nome!

Onde está este ginete atrevido vingando seu povo,

onde está o solitário insurgente, que névoa ocultou sua vestidura

Onde estão seu raio e seus olhos ardentes.

Pela predaria se estende uma estranha quimera, um esplendor, é a fúria da primavera, e a ameaçante alegria em que se lança Joaquim porque crê que são uma só coisa vitória e vingança. Onde está?

MULHER - Joaquim fugiu!

(Mulher com marmitta cruza a cena.)

MULHER 1 - Entrega esta flor a Joaquim e beija suas mãos. E que tenha sorte. (Mulher com flor sai)

VELHA - Leva-lhe se podes este pão.

(Camponesa com um cesto sai)

MULHER 3 - Dá-lhe o rifle de meu marido. (Entrega o rifle ao jovem)

(O coro se retira. Reis e Trededós falam em voz baixa, como dois soldados em trincheira)

REIS - Parece que vem coisa aí. O sr. sique sabe mais do que eu, e eu que sei menos que o senhor, pode me dizer o que vamos fazer agora, compadre?

TREDEDÓS - Vamos nos juntar à Murieta, até a morte.

REIS - Até sua morte será, compadre. Por que dispõe da minha. Se minha mãe velou tanto por ela?

TREDEDÓS - Lá em Copiapó é que aprendi, compadre. Quando o rombo se fende a terra treme, o céu escurece e a pedra dura se estilhaça. Não faça caso da explosão, não faça caso da fumaça. E aqui está a pedra dura e é preciso romper a pedra ou romper-se a alma. Não viu nossos irmãos feridos. O sangue derramado por toda a parte. É nosso sangue. Já somos velhos, mas este é nosso destino. Eu creio na vingança, porque por ela poderá começar a vitória.

(Entra o índio)

TREDEDÓS - Alto! Quem vai?

ÍNDIO - Rosendo Juarez está procurando o general Murieta.

TREDEDÓS - Quem é esse Rosendo Juarez?

ÍNDIO - Rosendo Juarez sou eu.

TREDEDÓS - O que queres falar com Murieta?

ÍNDIO - Quero pedir-lhe que nos defenda.

TREDEDÓS - E o que há com os Índios?

ÍNDIO - O que digo me sai do coração e o direi com palavra certa.



porque o Grande Espirito me ve e me ouve. Estes gringos não dizem a verdade. Nos tiram o ouro ou levam no jogo. Podemos expulsá-los e o faremos com pedras, arcos e flechas. Dizem boas palavras, mas elas não nos servem. Com palavras não se pagam os insultos nem os mortos. Não arrancam de meu pai da sepultura. As palavras não pagam nossa terra, não pagam nossos cavalos nem o gado que nos roubam. As boas palavras não me devolverão meus filhos nem darão saúde a minha gente. Todos os homens foram feitos pelo mesmo Grande Espirito, e se os gringos brancos quiserem viver em paz com os índios, poderão viver em paz. Todos os homens são irmãos e a terra é a mãe de todos. Mas a condição de minha gente me rasga o coração e temos que lutar para nos proteger. Rosendo Juarez terminou de falar.

TRESEDEDOS - Amigo Rosendo Juarez. Há muito ainda que andar. Mas vem conosco. (Para Reis:) Não vê compadre. O que me diz agora?

REIS - Sabe que estou me convencendo, compadre Tresdedos.

TRESEDEDOS - E assim tinha que ser. Temos disido irmãos em tantas desgraças. Agora nos juntamos à Murieta. Vamos! Apertar os cinturões. Joaquim. Joaquim!

(Ouve-se um assobio)

(Entra homem)

HOMEM - Aonde vão?

TRESEDEDOS - Já não se aguenta mais. Vamos com Murieta.

REIS - Queremos ir com vocês.

INDIO - E eu também.

HOMEM - Se é assim... Venham!

CORO

Apertaram-se os cinturões, saltaram varões na noite escura vestido de luto e de prata Joaquim Murieta caminha constante e não dá quartel aos que incendiaram aldeias e pisotearam bandeiras de povos errantes.

(Na obscuridade se ouve um distante tilinter de carruagem. Uma diligencia se aproxima. Em seguida se ouvirá o ruído de cascos e rodas.)

VOZ DE HOMEM - Estão chegando.

(Ouve-se um assobio. "parece um homem mascarado ao bando de Murieta. Aparecem outros. Ouve-se o chicote do cocheiro. Na obscuridade aparece a diligencia.)

MURIETA - "lto.

TRESEDEDOS - Que se passa?

REIS - Um assalto.

MEXICANO - Seiam.

(O cocheiro armado, faz menção de apontar seu rifle. Detonação. Cai o cocheiro. Um mascarado apnha o rifle.)

MURIETA - (Aproximando-se do portinhola) Desçam. E o ouro?

VIAJANTE - Que ouro?

(Descem quatro passageiros. Tres mulheres entre eles.)

TRESEDEDOS - A carga

VIAJANTE - Não trazemos nada. O ouro saiu ontem para Sacramento. Aqui não



MURIETA - Agora ficamos com o ouro. Que é nosso.

REIS - E o que vai acontecer agora?

MURIETA - Ficarà tudo com o povo.

TREDEEDOS - Em nome do capitao Joaquim Murieta, escutem todos. E obedecam.
(Silencio respeitoso. Se organizam de modo a formar fileiras).

E nós, direto ao Arroyo Cantova. Estao à nossa espera. - Adeus formosura.
(Sai)

MEXICANO - Good bye, Mr Chaucha.

REIS - Yanque, go home.

INDIO -Boa viagem, pombinhas.

MURIETA - Retornem breve, e bastante carregados.

TREDEEDOS-

CORO DE ASSALTANTES -

Já chegaram as facadas,
que alegria,
aqui se mata por nada,
Madre mia.

Ninguem está se incomodando
com que no ceumacontece
se uma bala me atingir
e se me nao dematar
do chao não hei de passar

CORO -

Novos guerreiros, que surja na terra outro deus que não o dinheiro,
que morre o que mata o pulsar da primavera e coroa com sangue o berço do
recém nascido

que vive o bandido Joaquim Murieta, o chileno de estirpe profeta
que pretendeu cortar o caminho dos opressores ambiciosos
que tudo tem, tudo querem e a todos maltratam e matam.

(Entram um grupo de Encapuzados e descobrem o corpo de Cav. Trapaceiro.)

ENCAPUZADO 1 - E este quem é?

ENCAPUZADO 2 - É ele.

1 - Está morto

2 - Está vivo

Este não morre nunca. Está nos ouvindo?

1 - Pode nos responder? Quem foi?

C. TRAPACEIRO - (em voz vacilante) Os do bando de Murieta. Levaram o ouro.
Mataram todos os passageiros. Esfaquearam as mulheres.

(Os FGalgos levantam com dificuldade o C. Trapaceiro. Ele sacode suas vestes manchadas, se recobra, pões o chapéu roto e pouco a pouco volta à habitual energia.)



- CAV. TRAPACEIRO - Ele deve morrer
 Nos rouba o que roubamos com nosso esforço.
- GALGO 2 - Murieta deve morrer
- CAV. TRAPACEIRO - É um subversivo
 E eles xsao indios. Não entendem o progresso.
- GALGO 1 - Murieta deve morrer
- CAV. TRAPACEIRO - Juremos aqui a sua morte.
- TODOS GALGOS - Murieta deve morrer(saem apressados)

CORO

Adeus, companheiro bandido: se aproxima a t a hora, teu fim está claro e escuro

sabe-se que não conheces como o meteoro o caminho seguro
 sabe-se que te desviaste na colera como um vendeval solitário:
 mas aqui te canto porque debulhaste a espiga de ira e se aproxima a auro-
 ra.

VOZ DO POETA -

Não sei, mas me sinto tão longe daquele compatriota distante
 que através do tempo merece um canto e minha mão
 porque defendeu mostrando o rosto, os punhos, a frônte, a alegria,
 da gente saqueada.
 e o povo adormecido desperta seguindo a pegada daquele guerrilheiro,
 do homem que mata e morre seguindo uma estrela,
 justiça se chama a ira de meu compatriota Joaquim.

Teatro de Ar
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 91020-025

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 91020-025



SEXTO QUADRO - A MORTE DE MURIETA

(Texto de apresentação)

ATOR (musico)

Respeitável público, autoridades civis, militares e eclesiásticas:
Tenho a honra de lhes apresentar sob os auspícios do "Serviço de Co-
ordenação Meteorológica e num oferecimento do SPRET, em primeiris-
sima mão a verdadeira versão de como aconteceu em verdade o triste
desfecho final do temível fascinosa chileno "Joaquim Murieta", al-
cunhado "Quinzinho".

Atenção! Muita atenção! Com a formidável companhia "OS IRMÃOS BROTHERS"
vem aí: "O triste fim de um bandido"-

(A cena se escurece totalmente. Ouvem-se várias detonações. Silêncio.
Coro como atores saltimbancos representam a cena)

CORO -

Mas, aquela tarde o mataram
foi deixar flores pra sua mulher morta
de repente Joaquim encurrelado
viu que a vida lhe cerrou a porta
De cada nicho um yanque disparava
o sangue resvelava por seus braços
e quando cem covardes dispararam
um valente caiu entre as tumbas
ai onde seu amor assassinado o chamava,
Seu sangue vingador
podebeijar assim a companheira
e ardeu o amor ali onde morria.

(Dois solistas que se retiraram do coro, expressão, advertencias a Murieta.)

SOLISTA 2 - Oh, ouve o relógio
que enterra os mortos.
Não tragas a rosa
prá tua Teresa

SOLISTA L : Te aguarda a cova

2 - Teresa dorme
para que despertá-la?

1 - Murieta detem-te.
Apodrecerá teu olhar.

2 - Teus braços serão uma cruz derrubada

1 - Já não vingarás

2 - Já não viverás.

3 - Os Galgos já pisam
tuas próprias pisadas

2 - Não te necessita



Teresa, que vive em tua alma.

SOLISTA 1- Murieta detem-te.

JOAQUIM MURIETA - (No cemitério perto da clova de Teresa)

Ninguém me ouviu

Por tanto combater o mal serei destruído

E sei que um dia entre as mãos da minha Teresa

Dormirá a cabeça de um bandido

Eu sei que se aproxima a hora

Os mortos não deviam dizer nada,

a não ser pela chuva e pelo vento.

E aqui a cem anos, peço, companheiros,

Que cante para mim Pablo Neruda

Não pelo mal que tenha ou não feito

Nem pelo bem tampouco, que sustive,

Mas porque a honra foi o meu direito

Quando perdi o único que tive.

E assim na inquebrável primavera

Passará o tempo, se saberá minha vida,

Não por amarga menos justiceira

Não a dou por guardada nem perdida

E como toda a vida é passageira

Será talvez com um sonho confundida

Eu deixo por herança minhas feridas.

SOLISTA 1 - Para trás, bandoleiro.

A morte te aguarda

Solista 2 - Chegaram os Galgos

1 - Ouviste Murieta?

2 - A terra te adverte

1 - Se cumpre o destino

2 - Os galgos se espreitam

1 - Termina a tua sorte

2 - Te seguem as pegadas

1 - Por este caminho

Se acerca a morte

(A dança se detem e os solistas se calam. Um fecho de luz avança até a tumba. Quando a luz toca a tumba os Galgos, escondidos disparam. A luz se torna vermelha. A musica volta ~~xxxxxxx~~ violentamente. Os Galgos se atiram sobre Murieta. Cegam e matam Joaquim. Cena frenética e rápida. Se retiram. Cessa a musica. Repique de tambor e corneta de circo pobre. O coro se divide em dois, barraca da feira dividida em dois por cortina. Numa outra a cabeça de Murieta numa jaula redonda. A cabeça é maior que o tamanho natural e tem fios de gotas de sangue, como rosários, que chegam ao chão. Os olhos abertos. Durante a cena entram incessantemente os



mesmos visitantes, colocando os chapéus ou guarda-chuvas etc...),

O BARRAQUEIRO - (aos gritos)

Entrei here e my barraca
for only twenty centavos
here is Joaquim Murieta
aqui está o tigre enjaulado

Freedom, freedom, e negocios
apenas por twenty centavos
unica oportunidade
Murieta decapitado.

Here. Here vinte cents,
twenty centavos, senhores,
uma cabeça de tigre
...Senhores, por vinte cents,
apenas por vinte centavos

Que barato twenty cents,
entrem e vejam o malvado
que tanto nos assustava

Freedom, freedom, etc... (Estrilho)

(As mulheres como publico. Cans na plateia. Mulheres saem correndo até o foyer)

CORO FEMININO - Recitado

- UMA MULHER - Como deixam na jaula,
sua cabeça?
OUTRA - Não recordam que suas mãos
vingaram tantas ofensas?
OUTRA - Porque sofremos saiu a galopar
e por todos nós matou.
OUTRA - Não tem sangue nas veias?
Não tem luz as suas almas?
OUTRA - Vamos dar-lhe sepultura junto à teresa
OUTRA - Mas ninguem tem coração?
TODAS - Vamos roubar a cabeça.

(Os homens repetem a ação das mulheres).

CORO VIRIL - Recitado

- UM - Que esperamos, que esperamos?
OUTRO - Temos coração. E temos mãos.
UM - Contem comigo. O finado Joaquim era meu amigo.
OUTRO - A mim ninguem me atalha, sou um rio,
e com Murieta vou sonda me chama:
OUTRO : "u sou "chilote" e para mim não resistem os dedeados.
UM - Homens, vamos romper a barraca, romper os ossos desse merca.



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fonc: 226.0242 - CEP 90020-025

dor.

Vamos roubar a cabeça do capitão.

(Todos se precipitam até a Barraca de Feira. Silêncio. Entra o cortejo. Varias mulheres, de costas para o publico no fundo do cenario, rezam em voz baixa. Entra o cortejo pelo fundo da sala e avança até o palco, encabeçado por Trededós e Reis, que levam a cabeça de Murieta. Todos marcam em silencio. Ouve-se apenas a musica. Enquanto o cortejo avança entre o publico as mulheres que oram no palco se levantam deixando descoberta a sepultura de Teresa. O cortejo chega até lá. Durante o desfile ouve-se o seguinte:)

CORO -

Que

O ouro receba este morto de polvora com o proprio ouro enlutado, o chileno, o filho ensanguentado, violento e errante que na California dourada seguia uma luz: o ouro.

Encontrou com a vida e a morte, perseguido e vencido pelo odio e cobiça, noturno chileno arrastado e ferido por circunstancias do mal, o soldado sem a companheira, sem a primavera do Chile, distante, nem as alegrias que ele defendia.

Vingando os seus morrendo sem orgulho-É chegada a hora de uma grande aurora. Joaquim Murieta não teve bandeira, Piedade por sua sombra. Às portas do ódio esperamos que regresses à cova a escure violencia e que suba a clara consciencia à altura madura do trigo e o ouro não seja o testemunho do crime e não tenha o sabor do sangue do homem na luta?

(Cena do cemiterio. A lua. Cavam para enterrar os despojos. Algumas mulheres rezam. Seguem cavando. Deixam cair sobre a terra removida uma bandeirolinha. Saem todos, menos Reis e Trededós, que ficam junto à tumba recém cavada. Em silencio, o Coro Final).

VOZ DO POETA -

Ai dorme o bandido acossado e caído: descansa na paz de sua esposa. Não é minha a repovação por sua cavalgada de fogo e espanto. Quem pode julgar sua violação? Foi um homem valente e perdido e para estas almas ardentes não existe um caminho eleito: O fogo o leva em seus dentes, seu fogo o tem consumido.

Murieta regressa em meu canto ao metal e às minas do Chile, o seu juramento termina entre tanta vingança cumprida, a patria esqueceu aquele espanto e sua cabeça cortada e caída é apenas a sombra do sonho distante que foi sua romantica vida.

(A partir deste minuto o Povo repete como uma campena enterrada minha longa cantata de luto.)

TRES CANÇÕES -

(Estas canções podem ser cantadas em qualquer parte do espetáculo, podem também ser modificadas ou acopladas conforme as necessidades em relação ao tempo de duração do espetáculo:)



CANÇÃO MASCULINA -

Assim como hoje matam negros
 antes foram mexicanos,
 assim matando chilenos,
 nicaraguenses, peruanos,
 com instintos desumanos
 até que pela vereda
 passa um cavalo de seda,
 até que pelos caminhos
 galopa nosso destino
 e como duas amapolas
 se acenderam suas pistolas.
 Quem lhes disputa o terreno
 e quem de frente o desafia?
 É um bndido chileno!
 É nosso Joaquim Murieta!

CANÇÃO FEMININA -

Já chegou Joaquim Murieta
 para defender nossa gente,
 já responde o coração
 pelo rifle de um valente.
 Que viva Joaquim Murieta,
 vivam suas meos agrestes
 e seus olhos vingadores
 e sua atitude celeste.
 Que mate aos que mataram,
 e se o chamam bandido
 quero bandidos como este!

CANÇÃO -

Os olhos que morreram, não morreram, os mataram, os matarão.
 Todos os olhos do mundo morrerão,
 porque o mundo está morrendo em Vietnam,
 Porque manejam a história, os cruéis e os ariscos
 e vocês veem a vitória da morte em São Francisco.
 Pergunta o homem:
 Algum dia terminará a agonia?
 Maldição!
 Terminara a crueldade e reinará a slegria?
 Maldição!
 Os nazis com sua foice cortaram o coração da Espanha!
 Maldição!
 E ladra o cao à lua
 e a criança de seu berço
 cresce sem duvida nenhuma na opressão.



Maldição!

Proclamamos a alegria!

Reclamamos rebeluia!

Bênção!

Para que o homem algum dia
se case com a alegria!

Bênção!

Se a vida é boa ou má
vocês o dirão:

esta é uma suave sala,
mas metam no Vietnam.

Sigamos vivendo esta farsa
de dor

para continuar a vida
e o amor.

Porque se morre a morte
não a matarão os outros;

a luta a matará

antes

de que nos mate a nós.

F I M

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

